

**O LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: uma combinação pessimista ou otimista?**

Aguinaldo MONTEIRO<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende divulgar as práticas didáticas operadas no ensino de língua Inglesa na educação básica regular. Diante desta proposta, se faz a ocorrência de uma questão interessante e pertinente no que diz respeito ao trabalho de aprendizagem da língua. O objetivo deste texto é enfatizar o papel do professor enquanto mediador frente ao conteúdo disponibilizado do livro didático. Será debatido sobre a seguinte problemática: até que ponto é saudável o papel do livro didático no trabalho em sala de aula e de que forma é aproveitado o conteúdo do livro para o ensino da língua inglesa no ensino básico. Outro fator relevante será comentar se o material do livro didático contempla a aprendizagem de maneira proveitosa ou se o material pedagógico formulado pelo professor seria mais favorável no ensino da referida língua. Sem dúvida, o assunto requer bastante atenção e reflexão para quem se propõe à prática deste ensino. Tendo como base este viés, busca-se neste artigo levantar esta condição pautando a idéia do melhor desempenho de práticas metodológicas que firmem ou pelo menos que aproxime o aluno da realidade do contexto desta língua estrangeira. Para tanto, será comentado sobre a combinação de práticas didáticas e o papel do professor enquanto mediador do ensino. Os argumentos deste texto serão de grande importância no que toca a busca por melhores perspectivas pedagógicas. Analisa-se uma visão centralizada num objetivo de ensino que ofereça uma aprendizagem valorosa e que pertença à realidade social na qual o aluno está inserido.

**Palavras-chave:** Ensino de língua inglesa; Livro didático; Material didático do professor

### **Introdução**

Neste artigo pretendo argumentar algumas questões nas quais levo em conta que são de grande relevância quando se trata de ensinar uma língua estrangeira. Diante deste propósito, ressaltarei minha posição a respeito do livro didático utilizado na disciplina de

---

<sup>1</sup> Professor da educação básica da rede pública do Estado do Paraná atuante na área de ciências humanas, Letras e Filosofia. E-mail: [aguinaldomonteiro@yahoo.com.br](mailto:aguinaldomonteiro@yahoo.com.br)

Língua Inglesa. Nesse sentido, com base em algumas referências, me proponho a relatar o que penso do trabalho com o livro didático e do material didático que oportuniza o ensino do inglês no ensino básico.

A pretensão deste texto é dialogar com alguns autores sobre algumas questões que trata do material didático usado para o trabalho de ensino da língua inglesa. Diante do caso, mensuro um propósito de análise perante alguns pesquisadores que pretendem esclarecer ou até mesmo entender se o subsídio do livro didático nas práticas de ensino de língua inglesa é de bom grado ou não.

Vale enfatizar neste assunto certa divergência da parte de alguns autores quando a questão é discutir qual material é mais bem confeccionado para atingir os objetivos esperados na aprendizagem. Nesse sentido, situo-me junto às referências deste texto na tentativa de buscar uma metodologia eficaz que tenha um material que contemple a realidade do espaço social a ser realizado as práticas de ensino, bem como respeite o estado social dos alunos e suas identidades.

É a partir desta proposta me detenho<sup>2</sup> à busca de compreender a seguinte problemática: o conteúdo do livro didático completa o ensino da língua inglesa na educação básica? Ou os arranjos didáticos confeccionados pelo professor com um material que combine com a realidade do aluno é mais eficiente para o caso? Dessa maneira, o intuito que se estabelece é entender o problema de forma socialmente aceita em cada contexto escolar, ou seja, numa dimensão de planejamento participativo em que todas as vozes ali presentes possam usufruir do ensino de forma proveitosa.

---

<sup>2</sup> Este artigo possui algumas falas em primeira pessoa do singular nos quais colarei a minha posição sobre a questão enquanto professor de línguas numa relação não contraditória, mas sim analítica aos argumentos dos autores referenciados ao longo do texto.

### **Análise sobre a questão**

É oportuno pautar como princípio de análise que é papel do professor mediar, bem como apresentar propostas que caibam na realidade do aluno. Deve ser bem intencionado numa perspectiva coletiva que pondere facilidades e dificuldades em que, haja vista, se tenha a escolha do melhor ou do mais apropriado material de trabalho pedagógico numa prática de ensino. Neste caso, centralizo a questão nas práticas didáticas da disciplina de Língua Inglesa. Quando coloco o melhor ou o mais apropriado material não estou fazendo juízo de valor financeiro, mas sim juízo de valor de aprendizagem, visto que nem sempre o que parece ser excelente dá condição de um ensino completo e acabado. A respeito do problema, eis o que sugere Brodbeck (2004):

[...] grande parte das escolas adota livros que possuem uma carga muito grande de estruturas gramaticais, a leitura ficando relegada a um mero apêndice. Como proposta ou sugestão, acredito que o professor obterá uma qualidade bem maior de produção se ele preparar um material adequado à realidade de seus alunos. A preparação do material implica, certamente, um esforço considerável da parte dos professores, entretanto, essas mudanças gradativas podem ser a alavanca para que a escola pública recupere o seu papel de destaque na sociedade [...] (BRODBECK, 2004 p. 246)

A ideia da autora dá conta de que o livro didático não prioriza grau de eficiência, bem como não viabiliza condição de aceitação da realidade. Ela acredita no papel do professor de proporcionar um material que compreenda o aluno nas suas limitações.

Diante desse argumento, coloco-me de certa forma em parceria com o pensamento da autora quando esta propõe que o professor é o melhor recurso disponível numa prática de ensino na qual pode por excelência reconhecer todas as facilidades e dificuldades de seus alunos e preparar um material de possibilite caminhos férteis para aprendizagem. Pelo mesmo enfoque vejamos o que propõe Marques (2011):

Os materiais devem se enquadrar numa abordagem moderna e com a qual os alunos se possam identificar, nomeadamente os meios áudios-visuais, com o

recurso ao vídeo e a música, visto serem os materiais a que os alunos mais facilmente e mais comumente tem acesso, daí se identificando a eles com maior facilidade e motivação, os quais auxiliam e promovem atenção, o interesse e o empenho da parte destes. (MARQUES, 2011 p. 113)

Marques (2011) assegura algumas condições que devem ser organizadas nessas práticas. Recorre que o preparo metodológico deve focalizar propósitos e planejamentos premeditados para que não haja fuga do interesse do assunto. O professor deve enfatizar a proposta pré-concebida nas práticas de uso desse tipo de material para que não afaste o foco principal da temática das aulas.

Considero que os recursos de áudio e vídeo são materiais interessantes, entretanto, esses instrumentos pedagógicos podem ser valorizados para quem tem mais facilidade de aprendizagem ou para quem já tem contato com a língua inglesa fora do âmbito do ensino regular. Dessa forma, concordo com a mídia como proposta material de ensino, mas, com certeza o planejamento deve ser bem pensado com recursos que propicie a todos.

Avaliando a questão e se dispondo do mesmo pensamento sobre o problema do bom ou do mau livro didático; do bom ou do mau material didático considera-se a idéia de Ferro; Bergmann (2008). Estes autores citam Carmagnani que coloca o livro didático como sendo a melhor ferramenta de que o professor se serve para ensinar. Carmagnani posiciona o livro didático como fonte institucionalizada da qual o professor utiliza com respaldo de ser o único acesso ao saber. Entretanto, vejamos o que tem a nos dizer Ferro e Bergmann (2008):

O mais importante a ser destacado sobre esses fatores é que eles desestimulam, ou pelo menos não estimulam o professor a buscar novas possibilidades de atividades, a ser criativo, a adaptar suas aulas às necessidades e aos objetivos dos alunos, transformando-as em algo mais significativo e especial para todos. (FERRO; BERGMANN, 2008 p. 25)

Apesar da contradição do autor quando propõe a idéia de um professor alienado e mecanizado pelo conteúdo do livro didático, ele próprio nos lembra que o subsidio do livro é muito importante no decorrer das metodologias de uma aula. Mas, Ferro (2008) ressalta que as práticas de sala de aula devem ser pautadas não somente através do conteúdo do livro

didático. Assim declara Ferro; Bergmann (2008), “[...] não deve ser usado como um recurso único e restrito, sem que permita a interferência do professor e do aluno com outras possibilidades de atividades, textos etc.”.

No caso acima, concordo em igualdade com o ponto de vista do autor. O livro é uma excelente ferramenta sim, desde que tenha um conteúdo prático e eficiente. Também concordo quando ele posiciona que o trabalho docente deve ser criativo na confecção do material de ensino e usá-lo regularmente de maneira paralela ao livro.

Vale diagnosticar de maneira insistente o caso. É com esta noção que procuro observar o assunto e especular a melhor sugestão de material e de que forma concebê-la como apropriada e qual seria a melhor sugestão. Vale averiguar o que Silva (2011) coloca no seu texto quando propôs alguns comentários de alunos do quinto período do curso de Letras sobre o exercício de ser professor de inglês. Um deles revelou o problema na seguinte representação: “Ensinar inglês é um desafio nas escolas porque há um impedimento para os alunos e professores e quase nunca há material apropriado. É melhor trabalhar em escolas bilíngües porque você pode falar a língua 5 horas por dia. Mas nas escolas comuns, para obter o mesmo resultado é muito difícil”. (SILVA, 2011 p. 137)

Entendo o lado do aluno que a autora citou, entretanto, não que eu esteja defendendo a escola pública, sei perfeitamente que a maioria das escolas não oferece material didático nem tão pouco muitos recursos para se tenha um ensino por excelência. Também concordo que trabalhar dessa maneira é uma condição desafiadora, mas é papel do professor criar metodologias com materiais didáticos que cubram esta deficiência, mesmo com condições improvisadas. Como já citei neste texto, muitas vezes não é o melhor ou o mais perfeito material didático ou livro didático que resulta uma boa aprendizagem, mas sim a perseverança do professor que sabe tratar do problema com o que tem na mãos.

Diante do que é possível perceber, vejo que existe divergências entre o que é válido, o que é bom, o que é perfeito, o que é interessante, o que tem melhor aspecto pedagógico para o ensino do inglês na escola pública. Todas essas qualidades é a extensão de termos que se pode

atribuir tanto para o livro didático como para o material didático. Para destacar esta condição, diagnosticamos a idéia de Richards (2002) em Lima (2011). Para esse autor:

(...) os livros didáticos são um elemento central nos programas de ensino-aprendizagem de línguas, pois além de fornecer grande parte do insumo (*input*) recebido pelos aprendizes e de propiciar as práticas de linguagem que ocorrem na sala de aula, complementam a formação do professor, fornecendo sugestões para o planejamento e ensino. Podemos, então, considerar que o apoio pedagógico que os livros didáticos oferecem, bem como a economia de tempo e de dinheiro que o professor despenderia produzindo seu próprio material, explicam o fato de muitos professores optarem pela utilização desses materiais nas aulas de LE, seja como fonte única ou como fontes de recursos. (LIMA, 2001 p. 52)

Situando-se na idéia desse último parágrafo, percebo que o problema não termina tendo como base o que diz a autora na última citação. Nesse sentido, ela esclarece o que (Ramos, 2009; Coracini, 1999; Machado, 2008) investiga sobre o caso. Para eles, o livro didático mesmo não sendo critério para uma prática comum de ensino nas aulas de Língua Inglesa do ensino público, se torna, de alguma forma, uma ferramenta que dirige o trabalho do professor no planejamento da aula ou mesmo como auxílio para organizar as atividades.

Diante do fato, os autores acusam certo conflito para a questão. Entendem que, apesar da utilidade do livro didático, o foco do ensino não está centrado no aluno, ou seja, pode ser uma maneira negativa de explorar o estudo da língua. Nesse caso, fica entendido que o professor se torna um interventor, cuja função somente é repassar a proposta didática que o livro contém, o que não oportuniza uma mediação interpretativa do ensino da Língua Inglesa tanto para o professor como para o aluno.

É pertinente analisar a idéia de que o livro didático, por um lado é uma ferramenta que garante, bem como organiza a proposta de planejamentos das aulas, mas, por outro lado aliena o professor e na mesma condição o aluno. Essa consideração me deixou intrigado e de certa forma preocupado. Em concordância com os autores, vejo que este processo de ensino pode não atingir o sucesso que normalmente se espera. Nessa linha de observação, entendo que é

necessário estudar o caso com mais clareza e, é justamente nesta busca convergente que devemos centralizar o problema.

Estima-se dessa maneira enfatizar o caso e diagnosticar o que de fato proporciona o efeito do ensino mal compreendido. Eu, como professor, já vivenciei muito mau gosto por parte dos alunos ao trabalhar o conteúdo do livro didático, porém, já percebi o gosto pela disciplina quando eu mesmo elaborei o material a ser trabalhado. Vale notificar nessa análise o que nos diz Apple (2000), para ele, o problema está debruçado nas políticas públicas que legitimam o conteúdo do livro didático tanto por aspectos culturais como econômicos. O autor comenta que o livro didático de língua inglesa é um artefato mercadológico que é dominado pela cultura dos EUA e Grã Bretanha, o que ele propõe como cultura legítima. Vejamos o que autor pensa a respeito disso:

Textbooks, for better or worse, dominate what students learn. They set the curriculum, and often the facts learned, in most subjects. For many students, textbooks are their first and sometimes only early exposure to books and to reading. The public regards textbooks as authoritative, accurate, and necessary. And the current system of textbook adoption has filled our schools with Trojan horses—glossily covered blocks of paper whose words emerge to deaden the minds of our nation's youth, and make them enemies of learning. (DOWN apud APPLE, 2000)

Existe certa severidade a respeito da questão, o autor critica o estilo de livro modelado pelas políticas culturais. Ele repreende a adoção de livros que favorecem mais as ações de mercado e, por sua vez, deixa de lado o que mais interessa que é fornecer um conteúdo que valorize a aprendizagem. De fato, usar um livro didático somente por adoção curricular e que o mesmo não contenha um material prático e convincente é, de acordo com o próprio autor, um fiasco total.

Vejo o caso como pura repercussão política, bem na verdade são os aspectos capitalistas que permeiam a história das bases culturais, uma visão fora desses padrões se trata bater de frente com a realidade atual. O que deve ser feito é adotar critérios didáticos diferenciados e, por sua vez, de maneira simultânea com a autonomia que o professor tem

explorar o conteúdo do livro, seja ótimo, bom ou regular e reconstituir o formato do material a fim de que seja viável ao aluno. O importante é que as práticas de ensino aconteçam de forma estimulante e agradável, claro que para isso o papel do professor é essencial e não deve ser inoperante.

Pegando o gancho desse último parágrafo vale divulgar a idéia de Pessoa (2009). Essa autora pontua justamente a argumentação acima. Embasada nos aportes teóricos de (DAMIOVIC et al., 2003; MAGALHÃES, 2004; LIBERALI, 2004; HORIKAWA, 2004; PESSOA e SEBBA, 2006) ela notifica:

[...] é fundamental para que esses professores se tornem especialistas do processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira e também pesquisadores de suas salas de aula. Assumindo esses novos papéis, é bem provável que eles comecem a desconfiar dos livros didáticos e das teorias formais e, conseqüentemente, a romper com o processo de proletarização rumo à profissionalização docente. Em poucas palavras, sem qualificação docente não há profissionalização. (PESSOA, 2009)

Mensura-se dessa forma, a valorização profissional do professor de Língua Inglesa, a autora expõe claramente isso quando cita Consolo (1990) e esse confirma que somente é auto-dependente do livro didático o professor de formação inadequada, mal qualificada ou insuficiente. Vale a pena neste enfoque ressaltar os comentários de Lajolo (1996); Assis e Assis (2003); Xavier e Urio (2006) citados pela autora quando ela pretende dar respaldo ao caso, vejamos então:

[...] o melhor dos livros didáticos não pode competir com o professor: ele, mais do que qualquer livro, sabe quais os aspectos do conhecimento falam mais de perto a seus alunos, que modalidades de exercício e que tipos de atividade respondem mais fundo em sua classe” e, ainda, “o caso é que não há livro que seja à prova de professor: o pior livro pode ficar bom na sala de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor (LAJOLO, 1996, p. 6 apud PESSOA, 2009)

“Não importa quão bom pareça um livro didático, ele nunca prescindirá do professor, que deve “adaptá-lo, modificá-lo e suplementá-lo às suas circunstâncias de ensino” (ASSIS e

ASSIS, 2003, p. 314 apud PESSOA 2009); e, paralelamente “à qualidade do livro didático, existe a preocupação com a formação do professor, pois é ele quem dá vida a esse material, o responsável por didatizar o conteúdo apresentado, transformando-o em conhecimento”. (XAVIER e URIO, 2006, p. 30 apud PESSOA, 2009)

Proponho em dizer que somente o material do livro didático de fato não fornece não fornece estrutura suficiente para que se tenha uma aprendizagem encorpada, pois, muitos textos ou exercícios são deixados de lado pelo grau de dificuldade e não são adequados à realidade dos alunos. Reflito, então, no papel do bom professor que não deixa passar em branco o conteúdo a ser trabalhado em nenhum momento. Se no planejamento das aulas o livro se torna neutro, cabe, então, arquitetar um bom material didático para que o conteúdo possa ser aplicado. É a partir desse momento que entra em ação o professor preocupado em ensinar e o material toma vida como abordou o último autor.

E o que pensa o professor que já tem bastante experiência e sabe da condição das políticas culturais que acumulam no livro didático um conteúdo de mercado produzido em série? Quem nos responde é a interpretação que Tilio (2012) faz do discurso de Giroux, (1997).

Mesmo que o livro didático falhe em diversos aspectos (o que certamente ocorre, dada à inexistência de discursos neutros), um professor consciente sabe que diferenças identitárias e culturais não se resumem à transmissão dos conhecimentos de outras culturas, sem questionamentos acerca de relações ideológicas e de poder. ( TILIO, 2012 p. 128)

O autor assegura a idéia de que o bom professor é capaz de garantir ao aluno um ensino eficaz mesmo que o livro didático não colabore com seu conteúdo. Nesse sentido, ele denota que, muitas vezes, o material didático do livro pode ser transformado ou transposto didaticamente, situação na qual somente dependerá da ação docente, uma vez que o único sabedor da realidade de sua turma é o professor, e, portanto, sabe da necessidade, bem como das dificuldades ali encontradas.

Entende-se na fala de Tilio (2012) a idéia de um professor consciente que sabe como agir e que domina o conteúdo, “Um profissional formado dentro do discurso da política cultural possui condições de adaptá-lo criticamente – em oposição a adotá-lo acriticamente - , fazendo escolhas mais apropriadas às realidades de seus alunos [...]” (TILIO, 2012, p. 128) Nesse caso, realmente, o papel do professor calejado influi diretamente na aprendizagem, não que ele seja um super professor de língua inglesa, pelo contrário, é uma pessoa realista que compreende o suficiente para saber fazer arranjos didáticos entre o material que livro oferece e o que ele tem na bagagem e na experiência.

Diante do assunto exposto, reconheço que o caso parte de muitos paradigmas. Por tal razão, prezo que a problemática merece reflexão, percebo aqui que professores de língua inglesa, incluindo-me entre eles, somos os principais atores para propiciar uma forma de ensino que não seja redundante como o livro didático nos proporciona muitas vezes, mas que tenhamos autonomia necessária ao planejar aulas com materiais didáticos incitantes.

Nesse foco, é interessante o que nos fala Silva; Rodrigues; Neto (2010), “[...] a autonomia é de fundamental importância para a aprendizagem. O professor deve estar sempre incentivando os alunos, através das atividades propostas e de suas técnicas utilizadas em sala de aula, para que eles se sintam cada vez mais autônomos, então facilitará a aprendizagem”. (SILVA; RODRIGUES; NETO, 2010 p. 85).

### **Considerações finais**

A proposta deste texto foi argumentar com idéia de alguns autores pesquisadores a respeito da material do livro didático de língua inglesa. Vale observar que muitas contradições pesam sobre o que é de fato bom ou não para o planejamento das aulas. Pelo mesmo enfoque, foi pautado o material didático que o próprio professor organiza. A razão do enlace entre os autores e meu ponto de vista que foi firmado neste artigo se mostrou de grande valia, pois, o assunto é de grande importância e merece toda reflexão que for necessária para que haja mais comprometimento quando o trato é ensinar o inglês na educação básica.

De acordo com que foi comentado ou relatado nesta produção, pode-se ressaltar que o empenho dos autores é pela mesma causa, nota-se certa preocupação na busca pela melhor maneira possível de ensinar a Língua Inglesa. É notável a problemática aqui mencionada quando se fala das políticas públicas culturais. Por sua vez, os livros didáticos de uso nas escolas sofrem fortes influências dessas propostas. Logicamente, como foi abordada a questão na voz de alguns autores, a produção de livros didáticos é condicionada a escolha de visão comercial no que rola o interesse e as jogadas de marketing das empresas editoras que os produzem.

Esclareço que o debate com outras idéias me serviu, bem como abriu minha mente sobre o caso. Confesso que muitas vezes eu mesmo organizei o material didático das minhas aulas e num certo momento imaginei que correr fora da proposta do livro didático era errôneo. No entanto, depois desta troca de informações com outros professores pesquisadores me sinto mais aliviado e penso que estou no caminho certo.

Quero<sup>3</sup> dizer aqui que não sou contraditório ao material do livro didático, nem tão pouco ao uso rotineiro do livro como muitos professores fazem, entendo isso de maneira respeitosa. Mas, depois desta análise posso me tornar um professor mais crítico quanto a minha postura metodológica e (re) interpretar minhas práticas de ensino numa parceria entre o material que o livro oferece e o material que eu planejo, ou seja, por um lado compreender o discurso político cultural que o conteúdo do livro didático possui e selecionar o que é necessário e acessível à realidade do aluno. Por outro lado ter mais segurança quando elaboro meu próprio material didático e isso é perfeitamente aceitável quando se espera um bom retorno em cima do planejamento proposto. Como remate vale a pena comentar o que Lajolo (1996) nos disse, qualquer livro didático de Língua Inglesa por melhor que ele seja nunca poderá competir com a capacidade de um professor experiente e preparado.

---

<sup>3</sup> Nos últimos parágrafos, como fechamento, procurei analisar a questão de maneira franca não dando peso maior para um dos lados. Nesse sentido, foi intencional da minha parte não deixar a idéia impessoal, pois, vivencio o problema a cada aula. Para tanto, me coloco nessas experiências e não desmereço e tão pouco critico qualquer planejamento, seja com o material do livro didático ou do professor. Diante do caso, o que vale é a consciência de ser professor e entendo que esta consciência fará com que a combinação de materiais didáticos corresponda a altura de um ensino convincente e bem compreendido.

### THE TEXTBOOK IN TEACHING ENGLISH: A combination pessimistic or optimistic?

***Abstract:** This paper aims to disseminate teaching practices operated in teaching English language in basic education regular. Given this proposal, if it makes the occurrence of an interesting and relevant with regard to the work of language learning. The aim of this paper is to emphasize the role of the teacher as mediator front of the textbook content available. Will be discussed on the following issues: to what extent is the healthy role of the textbook at work in the classroom and how it is passed the contents of the book for the teaching of English in primary education. Another relevant factor will review the material from the textbook includes a useful way of learning or the learning material is made by the teacher would be more favorable in the teaching of that language. Undoubtedly, it requires a lot of attention and reflection for those who intend to practice this teaching. Based on this bias, this article seeks to lift this condition basing the idea of best performance of methodological practices who enter into or at least closer to the reality of the student context of this foreign language. Thus, we commented on the combination of teaching practices and the role of the teacher as facilitator of learning. The arguments of this paper will be of great importance when it comes to search best pedagogical perspectives. We analyze a centralized view of education in order to provide a valuable learning and belonging to the social reality in which the student is inserted.*

*Keywords:* English language teaching, Textbooks, Teaching materials teacher

### Referências

- APPLE, Michael W.; Linda K. Christian-Smith. **The politics of the textbook**. London: Routledge. 1991. Disponível em: <http://www.aparecidadejesusferreiraseminarios.blogspot.com.br/> acesso em 11/10/2012.
- BRODBECK, Jane. Como ler um texto de língua inglesa na escola tradicional usando métodos não tradicionais. In: SOUZA, Luana Soares de; CAETANO, Santa Inês Pavinato (orgs). **Ensino de Língua e Literatura Alternativa Metodológicas Tomo II** Canoas-RS: Ed. Ulbra, 2004.
- FERRO, Jeferson; BERGMANN, Juliana Cristina Faggion. **Produção e Avaliação de Materiais Didáticos em Língua Materna e Estrangeira**. Curitiba: Ibpex, 2008.
- LIMA, Ana Paula. **Análise de propostas de avaliação de rendimento em livros didáticos de inglês para o Ensino Fundamental I**. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, 2011.

- MARQUES, Daniel. **A Metodologia Pedagógica no Ensino de Línguas Estrangeiras**. São Paulo: Editora Humanitas, 2011.
- PESSOA, Rosane Rocha. **O Livro Didático Na Perspectiva Da Formação De Professores**. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, 48(1): 53-69, Jan./Jun. 2009. Disponível em: <http://www.aparecidadejesusferreiraseminarios.blogspot.com.br/> acesso em 11/10/2012
- SILVA, Adriane de Sousa Canedo; RODRIGUES, Daniela Florambel; NETO, José Elias Pinheiro. **Livro Didático de Língua Inglesa: abordagens teóricas sobre as crenças de aprendizes**. REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG - Inhumas – v. 2, n. 2 – outubro de 2010 – p.82-102 – [www.ueg.inhumas.com/revelli](http://www.ueg.inhumas.com/revelli)
- SILVA, Simone Batista. **Da técnica à crítica: contribuições dos novos letramentos para a formação de professores de língua inglesa**. Tese (Doutorado em Letras). Área de conhecimento. Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Universidade de São Paulo, 2011.
- TILIO, Rogério. A Construção Social de Gêneros e Sexualidade em Livros Didáticos de Inglês: Que Vozes Circulam? In. FERREIRA, Aparecida de Jesus. (Org.) **Identidades Sociais de Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade: Práticas Pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012.